

REVISTA AONDE VAMOS? REDE IDEOLÓGICA E INSTITUCIONAL
MAGAZINE AONDE VAMOS? IDEOLOGICAL AND INSTITUTIONAL
NETWORK

Lucia Chermont*

Resumo: O artigo se propõe apresentar os grupos e instituições nacionais e internacionais que sustentaram a revista *Aonde Vamos?* (1943-1976, RJ) suas influências ideológicas, políticas e de afinidades. Remontando este universo, por meio da história desses grupos ideológicos, políticos e das instituições e que atuaram no Brasil nos anos em que a revista esteve em atividade e que tiveram espaço nas páginas da revista, de forma renumerado ou não, para difundir suas atividades e ou projetos ideológicos e políticos. A pesquisa das instituições que constaram na revista se apresenta como um importante registro das instituições judaicas que existiram e atuaram no Brasil, salientando a história da comunidade judaica no país, a construção de uma rede institucional judaica nacional e ou internacional e suas conexões.

Palavras-chave: Imprensa judaica no Brasil. Revista *Aonde Vamos?*. História Contemporânea.

Abstract: The article proposes to present the national and international groups and institutions that supported the magazine *Aonde Vamos?* (1943-1976, RJ) their ideological, political and affinity influences. Retracing this universe, through the history of these ideological, political and institutional groups that operated in Brazil in the years in which the magazine was in operation and that had space in the magazine's pages, renumbered or not, to disseminate their activities and or ideological and political projects. The survey of institutions that appeared in the magazine presents itself as an important record of the Jewish institutions that existed and operated in Brazil, highlighting the history of the Jewish community in the country, the construction of a national and/or international Jewish institutional network and its connections.

Keywords: Jewish Press in Brazil. *Aonde Vamos?* magazine. Contemporary History.

*Doutoranda em História Social pela UNESP / Franca.
Email: <lucichermont@gmail.com>.

A revista *Aonde Vamos?*¹ surgiu em 1941, totalmente desvinculada da comunidade judaica, somente em 1943, Bela Karacuschansky, Ladislau Vinhaes e Isodoro Waisman² compraram-na e redirecionam-na para a comunidade judaica. Para as comunidades imigrantes os anos do Estado Novo (1937-1945) foram anos de restrições, por vezes dramáticas, em função do alinhamento de Getúlio Vargas com a Alemanha nazista, até 1942, e pelo processo de nacionalização que pretendia suprimir tudo que fosse estrangeiro. Dessa forma, a revista *Aonde Vamos?* publicada entre os anos de 1943 e 1977, na cidade do Rio de Janeiro, foi praticamente a única imprensa da comunidade judaica brasileira até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Isso por que na época houve a proibição de publicações de periódicos em língua estrangeira, somente a *Crônica Israelita* (1938-1969, SP), da Congregação Israelita Paulista ficou em atividade publicada integralmente em português.

Dessa forma, a revista é fonte privilegiada para o conhecimento do que era permitido durante esses anos de repressão e do renascimento da vida comunitária, institucional judaica e suas relações com a comunidade maior no pós-segunda guerra. Ao folhear suas páginas pode-se encontrar os grupos políticos ideológicos e instituições judaicas ou não que já atuavam e outras que surgiram, além de instituições estrangeiras que estendiam suas atividades em solo nacional, se beneficiando dos novos ares democráticos.

Oficialmente, a revista não tinha vínculo formal com nenhuma instituição, inclusive enfatizou essa proposta quando, em 24/08/1950, acrescentou, ao seu título, o subtítulo, em português e hebraico, na capa, “Semanário Judaico Independente do Brasil”. Mas, após 1943, era, inegavelmente, um veículo de comunicação voltado para a comunidade judaica. Sendo assim, pretende-se tentar descortinar seus financiadores por meio dos proprietários e seus grupos de afinidades, inclusive ideológico, fazendo-o, depois, num arrolamento dos grupos que tinham seções ou espaço garantido em suas páginas.

Sobre as influências dos proprietários iniciais, da fase judaica da revista, pode-se afirmar que Ladislau Vinhaes Weinberg era advogado, jornalista e tinha cargo de oficial administrativo do Ministério da Justiça. Como jornalista, trabalhou nos jornais *Correio da Noite* (1935–1954, RJ), *Diário Carioca* (1928–1965, RJ) e o *Imparcial* (1935–1942, RJ). Sendo assim, quando adquiriu a revista, certamente, possuía experiência e contatos para o exercício da atividade, mas

¹ O presente artigo retoma o tema de outro artigo publicado em 31/12/2020 no número 17 da Revista Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, com acréscimo de informações importantes.

² Disponível em: <<https://www.arqshoah.com/arquivo/505-arq-495-relatorio-sobre-o-caso-aron-neumann-ainda-incompleta>>.

não se sabe muito sobre seus grupos de afinidades no período em que esteve vinculado à revista, pouco mais de um ano.

Bela Karakuschansky, além de proprietária, realizava traduções para a revista nos anos de 1943 e 1944. Era esposa do jornalista Sabath Karakuschansky, que teve intensa atuação anterior na imprensa em língua ídiche, no Brasil: foi redator do *Dos Ídiche Vochenblat* (RJ, 1923–1927); redator adjunto do *Brasilianer Ídiche Presse* (RJ, 1927–1929); redator de seções, articulista e financiador do *Ídiche Volkszeitung* (RJ, 1927–1940). Na *Aonde Vamos?*, escreveu o primeiro editorial, em 11/03/1943, e, na seção “A Semana”, nas primeiras páginas da revista, que surgiu na segunda edição, em 18/03/1943, tendo sido interrompida em 04/05/1944.

Sobre as afinidades políticas, ideológicas e sociais de Karakuschansky, elas podem ser encontradas na revista *Aonde Vamos?*, atuou fortemente nos eventos e manifestações sionistas, era membro ativo do movimento sionista revisionista no Brasil. Pode-se citar, como exemplo, que, em 30/10/1946, compunha a chapa nº 4 da Organização Sionista Revisionista Unida do Brasil. Na edição de 04/07/1946, p. 5, foi publicada a criação do novo Conselho Sionista Emergencial no Brasil, entre os membros do executivo constavam: presidente: Eduardo Horowitz; vice-presidente: Aron Neumann; secretário: Sabath Karakuschansky; comissão de propaganda: Aron Bergman. Além disso, tem-se a publicação de eventos do Movimento Juvenil *Betar*, com a participação ou palestra da equipe editorial da revista, 04/09/1947, p. 4.

O Movimento Sionista Revisionista era a ideologia, dentro das inúmeras linhas sionistas, que fazia oposição aos sionistas socialistas e trabalhistas. O ideólogo dessa corrente foi Vladimir Jabotinsky (Odessa, 1880 – Nova York, 1940), conhecido como Ze’ev Jabotinky. Foi ativista, escritor, tradutor, poeta, jornalista e militar. Fundou, em Odessa, a Organização de Autodefesa Judaica e ajudou a formar a Legião Judaica do exército britânico na I Guerra Mundial.

Eles acreditavam que o Estado de Israel só surgiria pela força, com bases paramilitares para combater os ingleses estabelecidos na Palestina (depois de 1917) e os árabes palestinos que resistiam à criação do Estado. Identificavam-se como direita tradicional, não religiosa e nacionalista judaica. Estavam focados na luta pela criação de Israel sem a ajuda internacional, que era a proposta do sionismo político de Theodor Herzl e Chaim Weismann. Seu principal objetivo político era manter a integridade territorial histórica de Israel e estabelecer um estado judeu com maioria judaica nos dois lados do rio Jordão.

O Revisionismo Sionista surgiu da discórdia dentro da Organização Sionista Mundial, quando os sionistas revisionistas não concordaram com as diretrizes do movimento e separaram-se dos órgãos oficiais do sionismo, durante a década de 1920, para formar sua

própria organização. Para difundir sua proposta, Jabotinsky e seus aliados criaram as seguintes organizações: o Movimento Juvenil Betar, em 1923; o braço político Organização Revisionista Sionista, em 1925; o grupo paramilitar *Irgun*, abreviação em hebraico de Organização Militar Nacional, em 1931. O principal herdeiro político do movimento revisionista foi o partido *Herut*, que, nas décadas seguintes, uniu-se a legendas menores e formou o Likud.

No dia 04/12/1948, o jornal *New York Times* publicou uma nota assinada por 24 judeus proeminentes, condenando Menachem Begin e o seu partido *Herut*, durante uma visita de Begin a Nova York. Na nota, eles comparavam a corrente do sionismo revisionista aos "*partidos nazistas e fascistas*", a carta foi assinada por Albert Einstein, Hannah Arendt, Sidney Hook e outros importantes judeus americanos:

Entre os mais perturbadores fenômenos políticos dos nossos tempos está a emergência, no recentemente criado Estado de Israel, do "Partido da Liberdade" (*Herut*), um partido político muito semelhante em sua forma de organização, métodos, filosofia política e apelo social aos partidos nazistas e fascistas. Ele foi formado sem sociedade e seguindo o antigo *Irgun Zvai Leumi*, uma organização paramilitar atuante no Mandato Britânico.

Outro proprietário da revista, segundo o relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal, era o advogado Isidoro Waisman. Ele foi, além de proprietário, representante da sucursal de São Paulo entre 03/03/1944 a 18/05/1944. Pouco foi encontrado sobre suas afinidades ideológicas e grupos sociais aos quais estava associado.

Em 15/06/1944, p. 23, foi publicada uma "Carta aos Leitores de *"Aonde Vamos?"*", onde se informou que a revista tinha novos proprietários. Segundo a publicação, eles buscavam apresentar um trabalho construtivo, honesto e completamente independente. Ofereciam gratuitamente às entidades filantrópicas e pró-vítimas da Guerra solidariedade para além de qualquer interesse econômico. Essa independência econômica proporcionou a liberdade de criticar o que achassem necessário. Entre outros assuntos, anunciavam que a revista esteve sob forte ataque, por meio de injúrias e calúnias com intuito de paralisar o periódico e seus colaboradores.

Apesar da saída dos antigos proprietários, anúncios do escritório de Isidoro Waisman foram publicados até o final de 1944 e uma poesia de Sabath Karakuschansky, denominada "Moises", foi publicada na edição de 03/08/1944. Sendo assim, constata-se que a saída não se deu em função de litígio absoluto, principalmente porque as atividades do Movimento Sionista

Revisionista, linha ideológica de Karakuschansky, continuou tendo ampla divulgação na revista, denotando um forte aliado político estratégico.

Na edição de 22/06/1944, houve uma nota sobre a troca de diretor da revista, que se fez de Ladislau Vinhaes para Leão Padilha, tecendo os melhores comentários sobre o diretor que saiu, em função de “outros encargos” e mais nada foi dito. Tem-se um relato do ponto de vista de Vinhaes sobre sua saída da revista no relatório confidencial da Polícia Civil do Distrito Federal, de 28/11/1943³.

... o diretor da revista, Ladislau Vinhaes, tem ideia de vender sua parte da revista, em virtude de suas ocupações como redator sub-Secretário do Correio da Noite e Escrivão da Polícia Civil (para o qual voltou há pouco mais de um mês) não lhe permitem o cuidado que uma publicação semanal requer. Além disso não tem grande entusiasmo pela mesma, pois é ESPIRITA.

O novo diretor e proprietário⁴, Leão Padilha, era advogado e jornalista, ocupou cargos de importância em vários jornais cariocas. Teve forte vínculo com o político carioca Antônio de Pádua Chagas Freitas, ocupou o cargo de diretor da empresa do político, que era proprietária, entre outros, dos veículos de informação *A Notícia* (1894–1930; 1938–1979; 1991–1997, RJ) e *O Dia* (1951–atual, RJ). José Padilha foi concomitantemente diretor da *Aonde Vamos?* e secretário de redação de *A Notícia* e, depois, do *O Dia*. A princípio, os dois jornais foram utilizados para a divulgação do Partido Social Progressista (PSP), no Rio de Janeiro. Chagas era aliado político e sócio nos jornais do político paulista Ademar de Barros.

Porém, em março de 1956, Chagas Freitas, excluiu Ademar de Barros da sociedade, tornou-se, assim, sócio majoritário e adquiriu o controle acionário dos jornais. Além do controle direto sobre *O Dia* e *A Notícia*, Chagas exercia grande influência nos meios jornalísticos cariocas e, em 1956, foi eleito presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas, cargo em que permaneceu até 1970.

Na política nacional, Chagas Freitas atuou como um dos articuladores, no Congresso, da emenda parlamentar que viabilizou a posse de Goulart. Mas, posteriormente apoiou a deposição de Goulart, no golpe civil-militar de 31/03/1964. Durante a ditadura civil-militar ingressou no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que obteve sucesso na Guanabara, 1966. Formou-se, a partir de então, a “corrente chaguista” do MDB carioca, com forte apoio do seu veículo

³ Disponível em: <<https://www.arqshoah.com/arquivo/505-arq-495-relatorio-sobre-o-caso-aron-neumann-ainda-incompleta>>.

⁴ Entrevista cedida a Lucia Chermont por Ronald Fucs, via WhatsApp, em 30/09/2020.

jornalístico. Esse setor do MDB obteve sucesso também em 1970, tanto para deputado estadual, como para deputado federal eleitos pelo Rio. Chagas foi governador da Guanabara de 1971 a 1975, encerrou seu mandato em 15/03/1975, quando o estado da Guanabara deixou de existir.

O fato de o diretor e proprietário da revista, por mais de 30 anos, estar vinculado profissionalmente a grandes veículos de imprensa e ao político, que foi forte e influente por longo período, na política nacional e estadual, e no sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas, certamente proporcionou prestígio, poder e dinheiro para a viabilização da *Aonde Vamos?* em núcleos para além da comunidade judaica.

No entanto, último diretor da revista, em entrevista, informou que a aproximação de Padilha com a comunidade judaica deve-se ao seu trabalho como advogado, auxiliando nos processos de naturalização de estrangeiros⁵ ao longo dos anos de envolvimento com a revista, o comprometimento e troca de interesses foram maiores. Segundo Samuel Malamud, em seu livro do *Do arquivo e da memória*, Leão Padilha era do Comitê Cristão-Brasileiro Pró-Palestina⁶, instituição que apoiava a criação de um estado Judeu na Palestina. Esse comitê, depois da criação do Estado de Israel, transformou-se no Centro Cultural Brasil-Israel⁷

A partir do ano de 1969, a revista foi composta nas Oficinas Gráficas da Editora e Impressora de Jornais e Revistas S.A., que era a *holding* das empresas que compõem o conglomerado pertencente ao político Antônio de Pádua Chagas Freitas. A Associação Brasileira de Imprensa, no ano de 1975, fez uma relação das Dez Maiores Empresas do Setor e a Editora e Impressora de Jornais e Revistas S.A. aparecia como a 9ª empresa citada na lista. O local de impressão da revista mudou algumas vezes após essa data, mas o vínculo e a composição na empresa do político permaneceram até o final, em 1977. Ressalta-se que Leão Padilha saiu da direção e deixou de ser proprietário da *Aonde Vamos?* no começo de 1973.

Dessa forma, o suporte à revista e a sua proposta ideológica deu-se de inúmeras maneiras, não só por meio de financiamento, mas, por exemplo, por prestação de serviços essenciais para seu funcionamento.

O redator-chefe da revista por muitos anos, de 1952 a 1973, Aron Neumann, não foi o fundador, nem proprietário do periódico, mas teve grande protagonismo e deixou sua marca. Ele era articulista da revista desde 19/08/1943, quando saiu uma nota de boas-vindas ao novo colaborador. No artigo “Como a *Aonde Vamos?* chegou a ser o que é”, escrito por Neumann,

⁵ Entrevista cedida a Lucia Chermont por Ronald Fucs, via WhatsApp, em 30/09/2020.

⁶ A edição de 02/09/1946, p. 8, do jornal *A Noite* noticia a criação do Comitê Cristão-Brasileiro Pró-Palestina, no Automóvel Club e que era filiado ao Comitê Mundial Cristão, sediado em Washington.

⁷ http://wpro.rio.rj.gov.br/arquivovirtual/web/fontes/relArquivoGeral.php?id_conjuntoArquivo=21147

publicado na *Aonde Vamos?* em 27/09/1962, p. 46 a 63, e republicado após a sua morte em 01/02/1973, dividido, sequencialmente, em vários exemplares, traz a sua descrição sobre o forte ímpeto de se tornar jornalista e denunciar as irregularidades das lideranças comunitárias, tanto internacional, como local. Decidiu criar um periódico para dirigir-se aos judeus do Brasil, mas era impossível criar uma publicação nova, sob o regime do Estado Novo, o único recurso era adquirir um título já existente. Depois de algumas tentativas de comprar outros periódicos, foi procurado pelo grupo que publicava a *Aonde Vamos?*. Segundo Neumann, a revista, depois de três meses de publicação, estava sem condições econômicas para sobreviver e necessitava de apoio para reerguer-se. Ele hesitou a princípio, pois não sabia se poderia sustentar sua independência jornalística associando-se a três pessoas que mal conhecia. Vinculou-se à revista, mas logo ficou decepcionado com o nível do periódico que não atendia seus propósitos de debater os problemas comunitários. Pensou em largar a publicação e adquirir outro título para fazer uma revista judaica independente, que, segundo sua visão, o momento necessitava. Mas percebeu que já era impossível desfazer-me do encargo assumido e permaneceu até a sua morte. No período, já conhecia Padilha e foi o responsável pela aproximação do futuro proprietário e diretor da revista.

Aron Neumann era grande ativista comunitário, fundou o Lar da Criança Israelita em 1937, trabalhou na *Relief* (Sociedade Beneficente Israelita de Amparo aos Imigrantes)⁸ e colaborou com inúmeras outras instituições judaicas.

Neumann era ativista do movimento dos Sionistas Gerais no Brasil, seu artigo “Por que sou sionista geral” publicado em 10/04/1947, p. 4, não deixa dúvidas sobre sua afinidade com a movimento, tendo sido publicado em 04/11/1948, que Aron Neumann era o representante do partido Sionistas Gerais numa mesa redonda sobre sionismo, com todos os grupos ideológicos e seus representantes. Além disso, deu-se ampla cobertura das atividades do partido no Brasil e no mundo, e seu movimento juvenil, o *Hanoar Hatzioni Haklali*.

O Sionismo Geral, inicialmente, se referia a maioria dos membros da Organização Sionista que não eram filiados a um partido e pertenciam às organizações sionistas. O termo foi usado, pela primeira vez, no Congresso Sionista de 1907, para designar delegados que não eram filiados ao sionismo trabalhista nem ao sionismo religioso. No entanto, em 1922, vários grupos e indivíduos estabeleceram a Organização dos Sionistas Gerais como um partido não ideológico

⁸ No Rio de Janeiro, em 1912, foi fundada a Sociedade de Ajuda Fraternal *Achiezer*, que se tornaria, em 1920, a Sociedade Beneficente Israelita de Amparo aos Imigrantes (*Hilfs-Ferein-Relief*), ligada à *Jewish Colonization Association* (JCA), HIAS e *Emigdirect*, instituições judaicas internacionais. Em 1937, a *Relief* fundou a Policlínica Israelita, que, posteriormente, transformou-se no Hospital Israelita Albert Sabin em atividade até os dias de hoje.

dentro da Organização Sionista, quando o movimento sionista estava se tornando polarizado entre Sionistas Trabalhistas e Sionismo Revisionista. Os Sionistas Gerais identificaram-se com as crenças europeias liberais e da classe média na propriedade privada e no capitalismo. Em 1929, fundaram uma organização mundial, realizando sua conferência em 1931. Nessa conferência, abriram-se divisões entre a ala da direita conservadora e aqueles que sustentavam pontos de vista moderados. Eles estavam divididos em questões sociais, econômicas e trabalhistas (por exemplo, *A Histadrut*⁹). Os “Sionistas Gerais moderados” apoiavam as políticas econômicas do Sionismo Trabalhista e toleravam a abordagem de Chaim Weizmann com os britânicos. Os “Sionistas Gerais conservadores” rejeitavam o socialismo e eram contra a política britânica na Palestina. Após a independência do Estado de Israel, a distância entre os dois grupos aumentou. Os Sionistas Gerais moderados ajudaram a formar o Partido Progressista, em 1949, e fizeram coalisão com o partido do governo, o Mapai¹⁰. Os Sionistas Gerais conservadores concorreram por sua própria legenda e permaneceram oposição à direita do Mapai.

O partido Sionista Geral apoiou a iniciativa privada, a suspensão do apoio estatal às instituições coletivas e o fim do controle da economia pela *Histadrut*. No entanto, favoreceu a *Histadrut* no controle de vários aspectos da economia e do bem-estar social. Também apoiou um sistema unificado de educação e uma constituição escrita para consagrar a liberdade democrática e os direitos civis. Era secularista, embora menos que o Partido Progressista.

No ano de 1951, após tornarem-se o segundo maior partido do Knesset, adquiriram inúmeros afiliados quando o partido das Comunidades Sefaraitas e Orientais¹¹ e a Associação

⁹ A Histadrut ou Organização Geral dos Trabalhadores, fundada em 1920, em Israel, foi uma das mais poderosas instituições do Estado e um dos pilares do movimento trabalhista sionista. Além de sindicato, sua atuação na construção do Estado a fez proprietária de um número de empresas e fábricas, por um tempo, o maior empregador do país. Somente quando Israel afastou-se de uma economia socialista estatizante, que a Histadrut, juntamente com o governo, deixou de ser a proprietária de maior parte da economia do país. Através de seu braço econômico, *Hevrat HaOvdim* ("Sociedade de Trabalhadores"), era proprietária e administrava uma série de empresas, incluindo o maior grupo empresarial do país e o maior banco do país, o Banco Hapoalim. O setor de serviços israelense foi completamente dominado pelo Histadrut e pelo governo, sendo que a Histadrut, em grande medida, teve domínio sobre o transporte público, agricultura e seguros. Também possuía os serviços de saúde de Israel e a Organização de Manutenção da Saúde. Com a crescente liberalização e desregulamentação da economia israelense desde a década de 1980, o papel e o tamanho do Histadrut diminuíram. Uma grande mudança no poder teve lugar em 1994, quando o Partido Trabalhista perdeu a sua liderança e seu papel de governo. A partir de então, a Histadrut começou a funcionar apenas como um sindicato.

¹⁰ Mapai era um partido sionista social democrata em Israel, dominante na política israelense até sua fusão com o moderno Partido Trabalhista, em 1968. Durante seu governo, o Mapai promoveu o estabelecimento de um estado de bem-estar, proporcionando renda mínima, segurança e acesso gratuito (ou quase gratuito) a subsídios habitacionais e serviços de saúde e sociais. O partido foi fundado em 5/01/1930, pela fusão do Hapoel Hatzair e o Ahdut HaAvoda original (fundado em 1919 pela ala direita, do socialista sionista Poale Zion, de Ben-Gurion).

¹¹ Comunidades sefarditas e orientais era um partido político que representava os judeus sefarditas (originalmente, da Península Ibérica) e os judeus mizrahi (originalmente, do Oriente Médio) que já viviam em Israel, na época da independência, o qual fazia parte do governo provisório em 1948-1949. O partido ganhou quatro cadeiras

Iemenita¹² fundiram-se aos Sionistas Gerais. Em 1961, parte conservadora do partido juntou-se ao partido *Herut*, formando o atual Likud. A outra parte moderada, juntou-se ao Partido Progressista, formando o Partido Liberal. Este último, por sua vez, em fins dos anos 1980, uniu-se ao moderno Partido Trabalhista.

Uma temática que congregou intelectuais e ativistas em torno da revista foi a criação e o Estado de Israel, o sionismo e suas correntes. Nesse caso, vinculados principalmente ao Sionismo Revisionista e aos Sionistas Gerais. As atividades desses dois grupos foram amplamente divulgadas na revista, mas também as das organizações sionistas brasileiras e mundiais.

A Organização Juvenil Sionista Unificada do Brasil, fundada em 1945, obteve uma página fixa na revista de 01/05/1947 até 05/02/1948. Na página inaugural, em 01/05/1947, p.4, informava que pretendia ser a expressão do pensamento dos jovens sionistas do Brasil. Apresentava inúmeras propostas que seriam expostas na próxima reunião da Organização Sionista Organizada Brasileira. Entre outras questões estão a reformulação do ensino de todas as escolas judaicas do Rio de Janeiro, com a participação de representantes oficiais do sionismo, visando a divulgação do sionismo para a juventude; a criação de um seminário para formação de professores sob orientação de professores de Israel; criação de cursos noturnos de hebraico, história judaica e sionismo.

Surgiu assim, um amplo programa de padronização e construção ideológica do sistema educacional comunitário voltado para a consolidação dos valores que teriam profunda consonância com a futura construção do Estado judeu na Palestina. Porém, visto como um bloco uniforme e integrado. Na edição de 29-05-1947, p. 19, foi exposta uma questão problemática da OJSUB, com relação aos grupos partidários e ideológicos. A estrutura organizacional da OJSUB previa filiação individual de seus membros, não havia espaço para a manifestação dos representantes das diversas correntes do sionismo juvenil. Isso se deu, segundo a página, em função da inexistência dos partidos e dos movimentos no contexto brasileiro, que estavam proibidos durante o Estado Novo (1937-1945), quando da fundação da Unificada, tornando-a a

nas eleições, em 1949, juntando-se ao governo de David Ben-Gurion do Mapai. Em 10 de setembro de 1951, afastado do Mapai, o partido fundiu-se com os Sionistas Gerais, então o segundo maior partido do Knesset. Mais tarde, os Sionistas Gerais fundiram-se com o Partido Progressista para formar o Partido Liberal, que foi, por breve período, o terceiro maior partido de Israel, antes de se fundir com Herut para formar Gahal, que, posteriormente, tornou-se o Likud.

¹² A Associação Iemenita foi um partido político, em Israel, fundado por judeus iemenitas, em 1923. Participou das primeiras eleições em 1949, ganhou uma cadeira no Knesset. Em 10/09/1951, fundiu-se com os Sionistas Gerais, parte minoritária do partido rompeu com a fusão. Posteriormente, a fusão dos Sionistas Gerais e do Partido Progressista formou o Partido Liberal, que se tornou o terceiro partido do Knesset, em 1961. O Partido Liberal aliou-se ao Herut para formar o Gahal, que se tornou o Likud.

proposta mais viável. O texto, ainda, esclarecia que via com bons olhos o surgimento dos movimentos juvenis das várias correntes, que exerciam importante função com os jovens na formação dos valores sionistas, mesmo com a ausência de representatividade dentro da organização.

Foi emitido pelo governo brasileiro o Decreto-Lei nº 383, em 18/04/1938, que proibia a prática de qualquer atividade de natureza política por grupos ou indivíduos estrangeiros no país. Eles não poderiam organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político ainda que tivessem por fim exclusivo a propaganda ou a difusão, entre os seus compatriotas, de ideais, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. Mas, segundo Roney Cytrynowicz (2002), as instituições judaicas, inclusive as sionistas continuaram suas atividades tendo naturalmente, que, adaptarem-se e adequarem-se às novas diretrizes. Por meio de estratégias, como mudança de nome institucional, constituição de corpo diretivo exclusivamente de brasileiros natos ou classificando suas atividades como cultural-social muitas das atividades sionistas continuaram, mas não denominadas como tal.

Publicou-se uma grande nota sobre a expulsão do movimento juvenil sionista Betar da Federação Sionista Juvenil do Uruguai, na página da OJSUB, edição de 30-10-1947, p. 19. As justificativas foram: não aceitavam a autoridade da assembleia dos sócios, mas somente de um indivíduo do próprio movimento; não comparecimento nas reuniões, somente na véspera do Congresso Juvenil; não cooperação com a campanha do KKL e a criação de uma campanha concorrente; criaram distúrbios durante as reuniões públicas da Federação. Dessa forma, começaram a aparecer as relações pouco harmoniosas no interior das instituições que pretendiam congregar todos os grupos ideológicos ou partidários, que muitas vezes discordavam entre si.

Durante o ano de 1947, a página promoveu uma campanha para levar membros selecionados, por meio de provas orais e escritas, para um curso de formação em Israel, divulgaram os eventos da organização e dos movimentos juvenis que surgiram de Norte a Sul do país e principalmente escreveram sobre os grandes personagens do sionismo e a história judaica sob este prisma.

No ano seguinte, as discordâncias políticas e ideológicas promoveram denúncias e respostas nas páginas da revista. Na edição de 22/01/1948, publicou-se normalmente a página da OJSUB, com informações sobre a História do Sionismo: o livro Branco; trecho de um discurso de Ben Gurion e as atividades passadas e futuras, na página 10. No entanto, dez páginas depois, foi publicado o texto: “Escreve o leitor: Nem Sempre Deve Ser Lavada A Roupas Suja”

de Jacques Ganzarsky, diretor executivo do “*Hanoar Hatzioni*”, com fortes acusações à OJSUB. Primeiro, que durante o encontro sionista de 1947, teria sido estabelecido que a OJSUB faria um encontro anual, no ano seguinte e em função da falta de iniciativa dos membros da organização nenhuma comissão havia sido formada.

Houve uma reunião, em outubro do ano anterior, mas, a inclusão de dois novos movimentos no Rio de Janeiro, o *Hanoar Hatzioni* (Sionistas Gerais) e o Betar (Sionismo Revisionista) gerou desentendimento. O *Hanoar Hatzioni* foi aprovado, com veto do *Dror* (Sionismo Trabalhista), e a inclusão do Betar causou tamanha confusão que não foi possível prosseguir com a formação da comissão. O artigo acusa os membros dos movimentos *Dror* e *Hashomer Hatzair* (Sionistas Socialistas) de a realização desse importante evento para o sionismo brasileiro.

No mesmo exemplar, na página seguinte houve uma nota denominada “Carta-Aberta À Direção da O.J.S.U.B. de Abraão Zaverucha, nela cobrou a realização da reunião anual programado para aquele mês. Relatou que se mobilizaram organizações e partidos em torno da necessidade ou não da OJSUB e da reunião anual. E ainda que existia um grande ressentimento em relação a OJSUB sobre seu silêncio e suspeita de estar servindo “aos interesses deste ou daquele partido” e exigia uma resposta imediata.

Na edição seguinte, 29/01/1948, além da página recorrente da OJSUB, com informações sobre História do Sionismo: cláusulas do Mandato e atividades futuras, a organização publicou na página. 4, “Escreve o leitor: Nem sempre deve ser lavada a roupa Suja. Resposta da OJSUB” assinado pela Diretoria da Organização Juvenil Sionista Unificada do Brasil - Jaime Kaufman. Na resposta, apresentou algumas contradições do texto de Jacques Ganzarsky, que por hora afirma que não houve a reunião anual por causa dos movimentos *Dror* e *Shomer Hatzair* e, anteriormente, pela falta de iniciativa dos membros da OJSUB. Defende a não inclusão do Betar, pois sabotariam as atividades futuras. Acusa o texto de omitir a verdade e a intransigência do *Hanoar Hatzioni* ao negar-se a inclusão do apoio à *Histadrut* na declaração de boa-fé sionista e na participação de atividades futuras com a OJSUB.

Dessa forma, teve-se conhecimento da crise de representatividade da OJSUB e as profundas incompatibilidades dentro das correntes do sionismo que existiam no período. O movimento juvenil *Betar* já tinha uma página na revista desde 25/09/1947, como será abordado a seguir, e do ponto de vista ideológico era o movimento juvenil de uma das correntes sionistas defendida pela revista. Sendo assim, a página da OJSUB será publicada somente mais uma vez, na edição seguinte de 05/02/1948, e nunca mais retornou.

Os sionistas revisionistas tiveram duas páginas na revista em períodos distintos. Primeiro, em 25/09/1947, surgiu a página da Agremiação Juvenil Betar, publicada pela *Netzivut Betar* do Brasil, rua da Graça, 83, São Paulo, p. 23, quinzenal, que ficou até 09/09/1948¹³. O historiador Nachman Falbel (2008) cita uma publicação do Movimento Juvenil Betar, que traz um histórico do movimento no Brasil e afirma que, em 1930, já existiam núcleos do movimento em São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Naturalmente interrompido durante o Estado Novo (1937-1945), em função das restrições governamentais contra grupos políticos e ideológicos estrangeiros. Depois de finalizado o período ditatorial e a Segunda Guerra Mundial, retornaram as atividades e, em 08/1945, chegou o primeiro enviado do movimento ao Brasil, vindo de Israel.

Em 12/09/1957, começou a ser publicada a página da Organização Sionista Revisionista do Brasil (*Brith Herut Hatzoar*), Comitê Central, rua sete de setembro, 209, Rio de Janeiro. Saíram publicados 31 números da página, a última em 08/05/1958. Informou-se, na primeira edição da página, que a iniciativa da publicação foi o cumprimento da recomendação da última Convenção Territorial do movimento de publicar uma página semanal “na combativa revista **AONDE VAMOS**”, além da revista *Vanguarda*, editada em São Paulo, e da *Hora Israelita*, de Porto Alegre, para divulgar informações oficiais e o pensamento do movimento.

Quanto ao espaço cedido a instituições e grupos afins, que ajudaram a sustentar a revista, alguns tiveram espaço dentro da publicação durante longo período. O local onde eram publicados, dentro da revista, os espaços pagos de instituições era, por períodos, na ou ao lado da seção denominada “Sociais”. Essa seção surgiu, pela primeira vez, em 25/03/1943, p. 13, foram noticiadas informações das instituições: Clube Azul e Branco¹⁴; Agremiação das jovens judias; Noite de arte no Grêmio Cultural Esportivo (Meier); Instituto Nacional de Ciência e Política e da Hora Seleccionada Israelita-Brasileira. Eram informações, não estavam no local fixo institucional, como veio a ocorrer tempos depois. Somente nessa primeira edição estiveram presentes instituições não judaicas, a partir do número seguinte, todas as informações eram de pessoas ou instituições da comunidade judaica.

Dentro da seção “Sociais”, surgiu, em 22/04/1943, a subseção “Semana em São Paulo”, com informações das instituições e dos acontecimentos daquela cidade, além das informações referentes ao Rio de Janeiro. Logo em 29/04/1943, apareceu a subseção “De Campos”, com o mesmo objetivo, mas ela não durou muito. Ao longo do tempo, nessa seção, foram publicadas

¹³ A página teve um só formato até 05/1948 e, nos meses 04, 05 e 06/ 1948, os dois formatos, sendo que, depois de 07/1948, ficou o segundo formato que não constava publicada pela *Netzivut Betar* do Brasil.

¹⁴ Clube Azul e Branco fundado em 1926, por judeus sionistas no Rio de Janeiro.

informações de várias cidades, como Belo Horizonte, Manaus, Bahia, Curitiba, porém, as recorrentes eram Rio de Janeiro e São Paulo.

Uma informação sobre o Lar da Criança Israelita apareceu, pela primeira vez, nessa seção, em 10/06/1943, mas não como um espaço institucional fixo. Sabe-se que Aron Neumann foi um dos fundadores do Lar da Criança Israelita, mas ele só se tornou articulista da revista em 19/08/1943, então não foi o responsável pela divulgação dessa informação. O Lar da Criança Israelita Religiosa Rosa Waisman foi criado em 1937, objetivava a proteção das crianças judias órfãs, filhos e filhas de refugiados e crianças cujos pais encontravam-se em situação de vulnerabilidade socioeconômicas.

O Lar da Criança Israelita publicou relação de donativos recebidos, em 1946, em páginas variadas da revista. No final do ano, ocupou um espaço mais permanente, desta vez, no local das instituições, mas em meados ano seguinte, os dados deixaram de ser publicados. Somente em 04/11/1948, o Lar da Criança Israelita obteve um espaço fixo, junto com outras instituições, dentro da revista por longo período. Em 12/04/1956, a instituição mudou o nome para Lar da Criança Israelita Rosa Waisman, a mudança do nome veio acompanhada da explicação de que a diretoria resolveu homenagear a grande ativista e uma das fundadoras da instituição, no primeiro ano de seu falecimento.

A instituição permaneceu por 26 anos publicando na seção, somente em 26/09/1974 deixou de sair seu nome junto das instituições, mas, retornou em menos de um mês, em 03/10/1974. Foi a instituição que ficou mais tempo no espaço institucional da revista, por 29 anos, apenas com um mês de ausência no ano de 1974. Foi a única instituição que publicou no penúltimo exemplar, em 30/07/1977, ocupando a página inteira e somente não saiu no último número da revista de 12/09/1977.

No ano de 1946, foi noticiado amplamente na revista o ressurgimento da WIZO, no Rio de Janeiro e em outras cidades. Pode-se encontrar, na edição de 07/02/1946, a autorização da Cruz Vermelha Brasileira para criação da WIZO – Escudo Vermelho de David – S. Paulo. A partir de 20/06/1946, a WIZO passou a ter um espaço fixo dentro da seção “Sociais”, além de ampla cobertura de suas atividades dentro e fora da seção. Sendo assim, a WIZO esteve presente semanalmente na revista, assim como a WIZO Juvenil, ininterruptamente até a edição de 21/08/1958, sendo que, a partir dessa data, não houve mais referência à Organização na *Aonde Vamos?*.

A esposa de Aron Neumann, que foi redator-chefe da revista, Mina Neumann, foi grande ativista da WIZO, no Rio de Janeiro, e noticiou-se o fato na revista: em 01/08/1946, Mina Neumann recebeu certificado da WIZO RJ; em 10/10/1946, p. 14, Mina Neumann tornou-se

representante da WIZO RJ, no comitê de Emergência pró-imigrante, na comissão de procura de trabalho; em 24/10/1946, p. 12, Mina Neumann escreveu um artigo denominado Impressões sobre o 1º “*Kinus*”¹⁵ da WIZO.

A Organização Internacional da Mulher Sionista, WIZO¹⁶, foi fundada em 1920, por Lady Rebecca Sieff, Dra. Vera Weizmann (esposa do primeiro presidente de Israel, Dr. Chaim Weizmann), Edith Eder, Romana Goodman e Henrietta Irwell, na Inglaterra. Sensibilizadas com as condições de extrema dificuldade das mulheres que habitavam a antiga Judéia, elas mobilizaram um grupo feminino e fundaram as primeiras creches. Essa corrente de solidariedade espalhou-se pela Europa, Américas, África, Ásia e Oceania.

No Brasil, a WIZO foi fundada em 1926, na residência de Scylla e Jacob Schneider, no Rio de Janeiro, sendo que Sra. Scylla Schneider foi nomeada sua primeira presidente. A organização teve grande adesão da comunidade judaica carioca e paulista. No entanto, com o início do Estado Novo e a promulgação do Decreto-Lei nº 383, de 1938, que proibia manifestações políticas públicas de caráter estrangeiro no país, o sionismo foi caracterizado como atividade ilegal, pois fora identificado como indicador de fidelidade a um “governo”, assim sendo, as atividades da WIZO Brasil foram interrompidas. Somente em 1942, com a visita da representante da WIZO Mundial, a situação foi parcialmente revertida, em função da tutela da organização pela Cruz Vermelha Brasileira, com o nome de Escudo Vermelho de David, que, aos poucos, foi formando comitês em várias cidades brasileiras. Em 1946, a Escudo Vermelho de David tornou-se oficialmente WIZO e, no Rio de Janeiro, foi criado o grupo universitário feminino denominado WIZO Juvenil. A organização encontra-se em atividade até os tempos atuais e é reconhecida pela ONU como Organização Não-Governamental (ONG), tendo status consultivo junto ao Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC) e ao Fundo Internacional da Criança da ONU (UNICEF).

A Sociedade Beneficente das Damas Israelitas – *Froien-Farian* foi citada na revista desde 1943, foram divulgadas as atividades e ações realizadas na cidade do Rio de Janeiro. A instituição realizava publicações de páginas inteiras divulgando os nomes das pessoas e instituições que realizavam donativos em seu favor, desde 1946. A partir da edição de 11/11/1948, passou a constar na seção “Sociais”, juntamente com a WIZO, WIZO Juvenil e o Lar da Criança Israelita, entretanto, sua publicação era quinzenal. Na semana que não saiam informações da Sociedade das Damas, várias instituições apareciam no lugar, como, por

¹⁵ *Kinus* – Encontro nacional de discussões ideológicas.

¹⁶ Nome original em inglês: *Women's International Zionist Organization*

exemplo, na edição seguinte ao surgimento, 18/11/1948, constou, no referido espaço, o Comitê de Socorro às Israelitas Vítimas da Guerra na Bessarábia, juntamente com a Sociedade Beneficente EZRA, de São Paulo.

A EZRA Também conhecida como Sociedade Israelita Amigos dos Pobres, foi fundada em 1916, em São Paulo. Seu objetivo era proporcionar condições dignas aos imigrantes recém-chegados, ajudando famílias na complementação dos aluguéis, além de distribuir alimentos mensalmente aos mais necessitados. Foi uma das instituições mais importantes da coletividade judaica de São Paulo, tendo desempenhado relevante papel na absorção de imigrantes vindos ao Brasil a partir da Primeira Guerra Mundial.

A partir de 13/05/1954, no espaço da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, que já tinha se tornado semanal, apareceu como Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e dos Lar dos Velhos. Os nomes das instituições permanecem juntas até 22/08/1963, após essa data, constava somente o nome da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas. Na edição de 05/08/1965 em diante, constaram as duas instituições em locais separados dentro da seção: Lar da Velhice, em dois endereços, Av. Rio Branco, 156 - Av. Geram Dantas, 278 e Sociedade Beneficente das Damas Israelita, Rua Afonso Pena, 171, acompanhada da informação que a sede era própria.

Tanto a Sociedade Beneficente das Damas, como o Lar da Velhice permaneceram com seus espaços institucionais separados, além das matérias, fotos e avisos em outros locais da revista até a edição de 15/03/1977, no último ano de existência da *Aonde Vamos?*.

A Sociedade Beneficente das Damas Israelitas do Rio de Janeiro - *Froien Farain* foi fundada, em 1923, por um grupo de senhoras com a missão de promover justiça social, por meio da assistência aos imigrantes oriundos da Europa, ajudando-os a encontrar moradia e trabalho, além de fornecer-lhes alimentos, roupas e medicamentos. Com o passar do tempo, as damas continuaram amparando os menos favorecidos, em especial, os idosos com comprometimento cognitivo-funcional. Em 1939, a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas fundou o Lar da Velhice, a instituição permanece em atividade¹⁷.

Em 09/11/1950, na seção “Sociais”, no espaço das instituições, além da WIZO, da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e do Lar da Criança Israelita, surgiu a Amigos dos Cegos Israelitas, *Tormei-Or*¹⁸, no endereço Av. Presidente Vargas, 435, sala 567 – A, tendo havido agradecimento à constituição do Comitê de Campos, juntamente com o nome da

¹⁷ Disponível em: <<http://www.froienfarain.org.br/linha-do-tempo>>.

¹⁸ *Tormei-Or* em hebraico significa doadores de luz.

diretoria. Foi publicado até 19/10/1950 e, posteriormente, noticiou-se, em 27/03/1952, que a Amigos dos Cegos Israelitas, *Tormeï-Or* encerrou as atividades. Todavia, em 18/09/1958, a Amigos dos Cegos Israelenses, *Tormeï-Or* no Brasil voltou à seção toda semana até o final do ano, com a observação: patrocínio sra. Luba Klabin. Infelizmente, nada foi encontrado referente à instituição, mas é interessante observar uma diferença no nome da instituição nos anos de 1950 e 1958, no primeiro, tratou-se de em cegos israelita, referindo-se aos judeus de um modo geral, e, no segundo, israelenses, ou seja, moradores do Estado de Israel.

Outra instituição que utilizou o espaço da seção “Sociais” de forma permanente foi a Policlínica Geral da Sociedade Beneficente Israelita, a partir de 30/01/1952. Em 22/12/1966, apareceu, pela primeira vez, citado o novo nome da instituição, Hospital Israelita e Policlínica, mas não no topo do espaço, e, em 23/02/1967, mudou o nome no título do espaço institucional para Hospital Israelita e Policlínica. Já em 11/10/1973, mudou novamente o nome para Hospital Israelita, sem menção à Policlínica. O nome do hospital foi publicado no espaço institucional da revista pela última vez em 15/03/1977, juntamente com a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e o Lar da Velhice.

A história da Policlínica remonta à Sociedade de Ajuda Fraternal *Achiezer* que foi fundada, em 1912, no Rio de Janeiro, e que se tornou, em 1920, a Sociedade Beneficente Israelita de Amparo aos Imigrantes (*Hilfs-Ferein-Relief*), ligada à *Jewish Colonization Association* (JCA), HIAS e *Emigdirect*, instituições judaicas internacionais. Seu objetivo era proteger o imigrante no que diz respeito à assistência: vestir, alimentar, dar um teto, proporcionar aulas de português, encontrar trabalho; ajudar na regularização do processo de imigração. O aumento da oferta de assistência pela Sociedade, bem como o crescimento do contingente de imigrantes judeus forçou a instalação dos três primeiros ambulatórios da Sociedade.

A chegada de novos imigrantes judeus no período após a Segunda Guerra Mundial, e com o crescimento do número de especialidades médicas, as clínicas ambulatoriais foram transformadas em Policlínicas. Dessa forma, em 1937, a *Relief* fundou a Policlínica Geral da Sociedade Beneficente Israelita. Em 1951, ao receber a doação de um aparelho de raios X, a Sociedade percebeu a necessidade de ampliação das instalações. A nova casa foi adquirida, onde permanece até hoje. O atendimento era gratuito para membros da comunidade e a farmácia, que funcionava na Policlínica, distribuía remédios para os necessitados. É a partir desse período que a entidade passou a receber pacientes para internação, embora os leitos fossem destinados a casos cirúrgicos.

No final da década de 1950, houve a necessidade de nova expansão motivada, sobretudo, pelo aumento da demanda pelos serviços da Policlínica. Uma campanha de arrecadação de fundos, lançada em 1959, permitiu que a casa fosse reconstruída. O Hospital Israelita contava com 32 leitos, dos quais 24 eram destinados gratuitamente aos pacientes. Na época, o hospital mantinha uma sala para grandes e pequenas cirurgias, internação clínica, laboratório de análises, banco de sangue, entre outras instalações.

Na década de 1980, recebeu o nome de Hospital Israelita Albert Sabin em homenagem à visita do cientista às suas instalações, sendo que permanece em atividade até os dias de hoje.

No ano de 1953, duas instituições publicaram na seção “Sociais” por curtíssimo período: O Comitê das Damas Ort¹⁹ e o Colégio Talmud Torá²⁰.

Em 1880, um grupo de judeus russos pediu ao czar Alexandre II permissão para iniciar um fundo para ajudar as escolas de comércio judaicas e estabelecer novas colônias, escolas agrícolas, a fim de ajudar a tirar os cinco milhões de judeus da Rússia que viviam em condições de extrema pobreza. O sucesso do apelo levou à criação da Sociedade para o Comércio e Trabalho Agrícola para os judeus da Rússia. Desse nome original, *Obschestvo Remeslenovo i. Zemledelcheskovo Trouda* que a sigla ORT foi derivada. Em cada país em que se fixou, a sigla ORT foi traduzida de forma diferente, mas "ORT" foi mantida.

Em 1921, a União Mundial ORT foi formalmente estabelecida, seguida pela fundação da American ORT *Society* (precursora da American ORT) em 1922. No Brasil, a partir de 1943, foi traduzida como ORT - Organização, Reconstrução e Trabalho. Realizou e realiza formação laica, pluralista e científica, junto a uma capacitação profissional, que habilita seus alunos a continuarem estudos universitários e incorporarem-se ao mercado de trabalho. A ORT brasileira é filada à maior organização educacional não governamental do mundo, a World ORT, uma rede internacional de ensino, presente em mais de 30 países, dedicada à educação científica e tecnológica²¹.

Segundo As crônicas das comunidades no “Léxico” de Henrique Iussim (1953-1955) publicado no livro *Judeus no Brasil*, do historiador Nachman Fabel, a escola Talmud Tora era declaradamente hebraica e religiosa, em contraposição às escolas idichistas laicas ou não, e era financiada pelos grupos mais ortodoxos da coletividade judaica. Não foi possível estabelecer a conexão dessa escola com as escolas Talmud Tora em atividade, atualmente, no Rio de Janeiro,

¹⁹ Nas edições de 28/05/1953, 04/06/1953, 10/08/1953 e 15/10/1953.

²⁰ Nas edições de 25/06/1953 e 16/07/1953

²¹ Disponível em: <<https://ort.org.br>> e <<https://ort.org/en/about-ort/history>>.

dessa forma, não foram levantadas mais informações sobre a instituição, como, por exemplo, o ano de sua fundação.

Entre 06/10/1955 a 13/10/1955, a Organização das Pioneiras publicou na revista. Na'amat Pioneiras foi fundada em Israel, em 1921, é uma organização de mulheres israelenses, na época afiliada ao Sionismo Trabalhista. Na'amat é uma sigla para *Nashim Ovdot U'Mitnadvot*, que, em hebraico, significa literalmente "Trabalho e Voluntariado de Mulheres". Suas fundadoras acreditavam na justiça social e na igualdade de oportunidades para as mulheres. Construíram e mantêm albergues para jovens, escolas profissionalizantes e escolas agrícolas, incentivam e ajudam jovens e mulheres adultas a frequentarem cursos superiores, atendem a uma extensa rede de creches para filhos de mulheres trabalhadoras, possuem centros comunitários e clubes familiares. São o maior movimento feminino de Israel e atuam em diversos países do mundo.

No Brasil, Na'amat Pioneiras foi fundada em 1948, em Porto Alegre, sob inspiração dos ideais de justiça social, oferecendo às mulheres maior desenvolvimento cultural e oportunidade de auto realização através do trabalho social. Sendo uma instituição cultural beneficente, tem, no trabalho voluntário a sua maior ênfase, promovendo seminários, palestras e múltiplas atividades para poder concretizar a ajuda a creches e outras instituições carentes nas cidades onde hoje estão presentes.

As instituições Lar da Criança Israelita, WIZO, Sociedade Beneficente das Damas Israelitas – *Froien-Farian*, Lar da Velhice, Amigos dos Cegos Israelitas, *Tormei-Or*, Policlínica Geral da Sociedade Beneficente Israelita, Comitê das Damas Ort e o Colégio Talmud Torá publicavam na seção “Sociais” algumas informações pontuais das instituições, mas constituíam-se longas listas dos nomes de pessoas e instituições que tinham dado donativos a elas. Essas listas eram precedidas geralmente pela frase “agradecemos os seguintes donativos”, as grandes doações ficavam no topo, com o texto: nosso especial agradecimento, seguido dos nomes. Logo abaixo, separadas por curiosas categorias motivacionais do donativo, abaixo os nomes dos doadores. Alguns exemplos das categorias: Promessas, Donativos, *Erev Yom Kipur*²², *Iscor guelt*²³, Aniversários, Bodas de Casamento, *Yortzait*²⁴, *Brit-Milah*²⁵, Formaturas, Angariado na sinagoga, clube ou grupo judaico, Buques simbólicos, Nascimento, *Barmitzva*²⁶, Em Memória, Noivado, entre outros.

²² Véspera de Yom Kipur, o dia mais solene do calendário religioso judaico e jejum de 25 horas.

²³ Iscor é a reza em memória dos pais falecidos e guelt é dinheiro em ídiche.

²⁴ Aniversario de falecimento no calendário judaico.

²⁵ Cerimônia religiosa judaica na qual o prepúcio dos recém-nascidos é cortado ao oitavo dia como símbolo da aliança entre Deus e o povo de Israel.

²⁶ Cerimônia judaica que marca a passagem de um garoto à vida adulta, aos 13 anos. A partir dessa idade, ele assume sua maioridade religiosa e passa a ter responsabilidades perante sua comunidade e suas tradições.

Poderia se imaginar que a revista oferecesse gratuitamente esse espaço às instituições, no entanto, o Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo possui uma versão digital da revista e foram encontradas, na versão digital da revista de 10/01/1963, várias páginas com carimbos de pago, inclusive nas páginas das instituições. Pode-se subentender, dessa forma, que o espaço era cobrado das instituições. Muito provavelmente os doadores tinham orgulho do seu nome constar entre os doadores e mantenedores dessas instituições assistenciais, educacionais ou sionistas.

Os clubes judaicos cariocas também publicaram na seção “Sociais” da revista, mas, no lugar dos nomes das pessoas e instituições que realizaram donativos, divulgavam sua programação, além de estarem presente em outras partes da revista. O clube Hebraica²⁷ do Rio de Janeiro, fundado em 1951, teve um histórico de idas e vindas na seção da revista. O Centro Cultural Esportivo e Recreativo do Monte Sinai²⁸, fundado em 27/09/1959, no bairro da Tijuca, também publicou sua programação no mesmo espaço.

Durante o período que o Clube Monte Sinai era anunciante da seção, a revista publicou uma carta enviada pelo presidente do Monte Sinai endereçada ao redator-chefe, Aron Neumann, repudiando uma matéria anterior, que havia criticado o clube por autorizar uma palestra solicitada pelo grupo revisionista, do judeu russo Dov Sperling, sobre as intempéries vividas pelos judeus na antiga URSS e, posteriormente, ter mudado de ideia, na edição de 22/07/1971, p. 17. Na carta, o clube esclarecia que tinha sido omitida a informação que o judeu russo veio ao Brasil patrocinado por um partido político de Israel e, ao tomar conhecimento desse fato, voltou atrás para respeitar a pluralidade política de seus congregantes. A revista na mesma edição, na página seguinte, realizou uma análise praticamente parágrafo por parágrafo, desconstruindo e supostamente revelando os interesses ocultos do clube ao negar à comunidade judaica acesso às informações e denúncias que o jovem judeu russo tinha a oferecer. Pode-se notar que, apesar de toda essa tensão, o clube não suspendeu a publicação na seção “Sociais”.

Outro clube que utilizou esse espaço da revista para divulgar sua programação foi o Clube Israelita Brasileiro – CIB, que publicou na revista em dois períodos em “Sociais”, na primeira, iniciou em 04/06/1970 e foi até 02/07/1970. Depois, retornou em 06/05/1971, com publicações quinzenais, deixando de publicar em 02/12/1971. O clube foi fundado, em 2/11/1921, com o

²⁷ Começou a publicar em 04/02/1954 e ficou até 08/07/1954; surgiu, novamente, em 17/02/1955, ficou até 09/12/1965; ressurgiu no ano seguinte, em 06/10/1966, permanecendo até 04/01/1973; voltou em 12/07/1973; criou uma subseção dentro da seção denominada “Hebraica Informa”, ressurgiu em 06/03/1975 ficando até 15/12/1975; voltou com o anúncio do *Seder de Pessach*, em 15/03/1976 até a última vez que foi publicada a “Hebraica Informa” dentro da revista, em 15/11/1976.

²⁸ Surgiu em 06/04/1961, ficou até 17/10/1963. Depois voltou em 06/04/1967 e, em 13/10/1972, parou a publicação e não voltou mais.

nome de Sociedade Sionista Bene-Herzl, por razões políticas em 1937, durante a ditadura do Estado Novo, foi forçado a mudar seu nome para Centro Israelita Brasileiro – CIB. É o centro de atividade social, cultural e religiosa da comunidade sefardita turco-balcânica, em atividade até os dias atuais. Em 01/07/1971, o CIB publicou sua programação e, ao lado, colocou uma nota de louvor à revista, que, em função da crise financeira do clube, vinham divulgando sua programação gratuitamente. Comprova-se, assim, mais uma vez, que o espaço da seção “Sociais” era pago.

Por mais que a revista tenha noticiado que fotos e informações de eventos seriam publicadas gratuitamente, muitas instituições publicaram tanto na revista, como nas seções informações que deveriam ser pagas. Sevem como exemplo: em 1948, o Comitê de Socorro aos Israelitas Sobreviventes da Guerra na Bessarabia, juntamente com a Sociedade Israelita de Beneficência EZRA, publicou os valores de arrecadação, as listas de nomes dos sobreviventes deveriam ter sido publicadas gratuitamente.

Outras publicações institucionais recorrentes eram: Relatório da Sociedade Israelita de Educação, representante das escolas judaicas do Rio de Janeiro, em 02/03/1944; Assembleia Geral da União – Associação Beneficente Israelita, 03/02/1949; Balanço Patrimonial da Sociedade Cooperativa de Crédito Popular do “Bom Retiro”, 05/05/1949; Relatório Financeiro Comitê de Auxílio aos Imigrantes.

Algumas instituições eram recorrentes como a OFIDAS - Organização Feminina Israelita de Assistência Social – fundada em 1940 com a união de três entidades que já existiam: Sociedade Beneficente das Damas Israelitas de São Paulo, Gota de Leite e Lar da Criança. A OFIDAS assistia mulheres e crianças e tinha vínculo com o Serviço Social do Estado de São Paulo. Tem-se a EZRA, que já foi citada, a Associação de Senhoras Israelitas, sob o nome de VITA-KEMPNER, fundada em 1947, no Rio de Janeiro, propunha-se a finalidade de auxiliar órfãos judeus, vítimas da guerra na Europa. A iniciativa teve repercussão nacional. Foram fundadas organizações VITA-KEMPNER em São Paulo, Belo Horizonte, Santos, Niterói, Nilópolis, Curitiba e Recife. Também o Comitê Central da Organização Mizrahi do Brasil e as campanhas da Magbit Magbit, organização sem fins lucrativos, coordenava e organizava a arrecadação de fundos para Israel. A partir de 1974, passou a utilizar o nome de Fundo Comunitário.

Conclusão

Ao folhear a revista deparou-se com pessoas e instituições com seus projetos ideológicos identitários constituindo e sendo constituídos, transformando-se e formando a comunidade judaica brasileira. Esse processo não deu-se sem disputa, seja pela divulgação e busca da consolidação de visão do sionismo, amplamente defendido em texto, atividades e defesa de perspectiva na revista. Seja pela busca de sustentabilidade financeira, com a publicação dos doadores das instituições assistenciais, femininas, sociais e outras. Gerando, com isso, um misto de competição e orgulho entre os doadores e estimulando possíveis futuros doadores. Também, entre a rede da revista encontrou-se os clubes da comunidade carioca divulgando e fidelizando seu público suas atividades sociais, musicais ou recreativas.

Pode-se, também, verificar a chegada de instituições internacionais principalmente após o final da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. Não sendo mais necessária as estratégias para diluir a desconfiança do governo com as atividades dos grupos estrangeiros, o sionismo em suas várias manifestações como os movimentos juvenis, grupos femininos, agrupamentos partidários puderam se desenvolver. Assim, promover um amplo debate sobre a comunidade judaicas que queriam construir no Brasil, bem como acompanhar, interagir e apoiar o surgimento do Estado de Israel dentro das suas perspectivas político identitárias.

Referências

CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da Ideologia: Imigração Judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, dez. 2002. p. 393-423.

FALBEL, Nachman, *Judeus no Brasil* – estudos e notas. SP: Humanitas/EDUSP, 2008.

GOLDBERG, David. *Os judeus e o judaísmo: história e religião*. RJ: Xenon Ed., 1989.

LEAL, Bruno, GRIN, Monica, Caraciki, Leonel, NOVA, Andréa C. e KOIFMAN, Fabio. “Conversando com Alberto Dines” *Revista Digital do NIEJ*, ano 4, nº 6, pg. 3-12, 2013.

MALAMUD, Samuel. *Do arquivo e da memória*. RJ: Bloch Editores, 1983.